

**Ensino remoto e seus desafios:
relato de experiência do estágio
docente com alunos do nível
básico do CAS Natal**

*Maria das Vitórias de Araújo
Louise Alane Martins Barbosa Correia
Maxwel Alves Silva*

03

Resumo: Diante do atual cenário de pandemia de Covid-19, Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Libras) do Curso de Letras - Libras/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi adaptado para o modelo de ensino remoto. Este texto relata as experiências vivenciadas no período de regência do Estágio Supervisionado de Formação de Professores realizada com os alunos do Curso de Libras Básico 1, ofertado pelo Centro de Capacitação de Educadores e Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS Natal. O relato destaca a necessidade de formação continuada nas tecnologias da informação e comunicação para os futuros e atuais docentes, e, também, que estas tecnologias sejam acessíveis para o ensino de uma língua não oral. Embasam as reflexões: Gesser (2010), sobre a abordagem comunicativa no ensino de Libras como L2, Kenski (2003), sobre o uso das tecnologias e a Base Nacional Curricular Comum. Como resultado destaca tanto a importância da parceria entre o CAS e a UFRN que possibilitou a continuidade da oferta do Curso de Libras Básico 1 em modelo remoto a partir da atuação dos alunos de Estágio Supervisionado III; quanto à necessidade de adequação das plataformas digitais ao ensino remoto de língua visual-motora, a exemplo da Libras.

Palavras-chave: Estágio docente, Libras, Ensino remoto, Abordagem comunicativa.

INTRODUÇÃO

Este relato se deu a partir dos questionamentos surgidos em meio à vivência da prática de ensino na disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Libras) do Curso de Letras - Libras/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Devido à pandemia do novo coronavírus, foi preciso pensar em novas estratégias de ensino-aprendizagem na modalidade remota, onde todas as interações devem acontecer por meio de ferramentas tecnológicas as quais um grande número de professores e alunos não estavam acostumados a usar, sobretudo no contexto de língua não-oral.

Fato é que o uso das tecnologias não deveria ser um problema já que estamos na chamada era digital e desde muito tempo os autores nos alertam da importância do uso das tecnologias na educação e de caminhar em consonância com seus avanços. De acordo com Kenski (2003, p.22)

Na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações – resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica – é o desafio a ser assumido por toda a sociedade. (KENSKI, 2003, p. 22)

Também os documentos da educação já preconizavam seu uso como algo necessário na sociedade contemporânea. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), em suas diretrizes para o ensino médio, afirma que

A contemporaneidade é fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Tanto a computação quanto as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente. Isso denota o quanto o mundo produtivo e o cotidiano estão sendo movidos por tecnologias digitais, situação que tende a se acentuar fortemente no futuro. (BNCC,2019, p. 473).

Contudo, antes do contexto da atual Pandemia da COVID-19, poucos profissionais haviam incorporado as TDIC às suas práticas de ensino. Isso se explica pelo pouco domínio da tecnologia por parte dos professores, pela precariedade ou inexistência da infraestrutura que possibilita seu uso nas escolas - sobretudo públicas - e, também, pela conotação majoritária de entretenimento dada ao uso da tecnologia, seja dos hardwares ou softwares - como jogos e aplicativos no geral. Mas, com o contexto da Pandemia, o uso da tecnologia na educação foi ampliado, sendo incorporado massivamente para o ensino remoto.

Não sendo diferente para os alunos, professores em formação, na disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Libras) que tiveram, além do desafio da docência em si, a experiência de regência mediada por tecnologia, através do ensino remoto. Através dessa experiência, foi possível entender que faz parte do ser docente, a atualização e a reinvenção constantes. Lidar com essas adversidades no início do nosso fazer docente revelou quão desafiador e enriquecedor foi o estágio.

A dúvida que surgiu no início de nossa prática, e que norteia o presente relato, foi: como proporcionar aos nossos alunos, em meio a tantas dificuldades, uma aprendizagem eficaz e significativa? O primeiro passo foi a escolha das ferramentas que seriam utilizadas para ministrar as aulas.

Diante das possibilidades de ferramentas disponíveis para esse modelo de aulas, escolhemos ferramentas gratuitas da *Google*, como o *Google Meet*, o *Google Classroom* e as demais ferramentas que se conectam a este Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Optamos por utilizá-las porque são gratuitas, bastante intuitivas e muitos profissionais da área da educação já estavam utilizando-as em aulas, uma vez que, muitas secretarias estaduais de educação fecharam parceria com esta empresa para utilizar suas ferramentas neste cenário de pandemia.

Associada a questão das ferramentas que possam garantir a continuidade das aulas, e em nosso caso, a de experienciar inicialmente a prática docente na nossa futura área de atuação, estão as questões que envolvem o objetivo de fazer com que os alunos consigam aprender e adquirir os conhecimentos linguísticos ministrados. Quanto a isso, cabe salientar que não se trata apenas de questões objetivas no que concerne a competência linguística, mas sim em questões subjetivas e afetivas relacionadas a sua vida e vivências que podem influenciar em sua aprendizagem.

Pensando em estratégias que levassem em conta tanto as questões objetivas quanto subjetivas na relação dos processos de ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como segunda língua, para ouvintes, vemos na abordagem comunicativa a melhor alternativa me-

todológica, que trabalha sobre o método do enfoque comunicativo. Sobre ela comentaremos um pouco mais na parte dos métodos e metodologias.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para ministração das aulas nesse modo remoto, devido ao contexto de Covid-19 como relatado anteriormente, adotamos a plataforma *Meet* para os encontros síncrono, *Youtube* e a plataforma *Google* sala de aula pelas quais disponibilizamos materiais de apoio e realizamos atividades de acompanhamento e avaliação do desenvolvimento dos alunos diante dos conteúdos explanados para os momentos assíncronos. Além desses, também usamos o *WhatsApp* para comunicação com o grupo, tirar dúvidas e interação.

Levando em consideração que o público alvo se trata de alunos ouvintes que têm a língua portuguesa como sua língua materna, o ensino da Libras para eles é caracterizado como o ensino de L2. Logo, analisando a literatura do ensino de Libras como L2, nos deparamos com Gesser (2010) que postula que o ensino deve ser pautado na abordagem comunicativa para poder gerar uma aprendizagem e aquisição eficiente.

Assim, tendo em conta os conteúdos do curso presencial da instituição que deveriam ser seguidos, montamos o programa do nosso curso, pensando sobretudo, em situações comunicativas iniciais na língua, e partindo delas, organizamos os conteúdos lexicais e gramaticais necessários para suprir cada situação comunicativa.

Algumas das situações foram: iniciar uma conversa com alguém que não conhece, cumprimentando-a e perguntando e/ou respondendo nome e sinal; informar para alguém seu e-mail e endereço de redes sociais; perguntando sobre alguém que não conhece que está vendo ou nunca viu; perguntar a alguém sobre idade e dia do aniversário idade, e falar sobre datas comemorativas que gosta e/ou são importantes; perguntar/responder sobre a família: Quantidade de pessoas; quem são; estado civil; quem nasceu primeiro ou depois. perguntar/responder sobre a casa que mora e quem mora também; discutir qual animal pode criar em casa e qual não; perguntar/falar sobre o ambiente onde estuda/trabalha e seus principais profissionais; perguntar/falar o dia e horário das aulas, assim como sua duração.

Fomos, então, organizando e distribuindo os conteúdos lexicais e gramaticais, em consonância com a situação de comunicação e empregando técnicas em acordo com a abordagem comunicativa. Durante os encontros síncronos, ainda que muitas vezes utilizássemos métodos de abordagens mais tradicionais como o ditado de palavras e o ensino de sinais por sinal, sempre buscamos apoiá-los dentro do contexto e da situação comunicativa que exigia a aprendizagem daquele léxico.

Em relação ao material de apoio utilizado nas aulas, alguns buscamos na internet e outros nós mesmo criamos em conformidade ao objetivo da aula, sua temática e situação comunicativa. Produzimos vídeos tanto para uso no encontro síncrono, para trabalhar a percepção e interpreta-

ção nas línguas de sinais, como no assíncrono, em atividades de fixação e verificação de conhecimento. Em sua maior parte, estas atividades assíncronas eram dispostas em um formulário, cujas respostas eram objetivas (em sua maioria) ou subjetivas. Ao final, sempre propúnhamos uma atividade de expressão em acordo com a temática estudada, sempre relacionada ao contexto do aluno, para ser algo mais fácil, porque ele conhece, e também mais significativo. Geralmente pedíamos para que gravassem um vídeo para publicar no grupo do *WhatsApp*, pedindo que os demais dissessem o que o outro estava falando, ou ainda isso era feito nos momentos de interação no *Meet*.

O resultados dessas atividades, tanto as pontuações geradas nos formulários (que variavam de 0 a 100 pontos a partir da soma de suas questões, com parâmetro de um bom resultado ser ≥ 60), como o rendimento dos alunos durante as atividades de compreensão e expressão em contexto das interações comunicativas (que na abordagem comunicativa levam em conta o entender e fazer-se ser compreendido, resultando no êxito da comunicação) nos serviu de diretriz para verificar se o nosso fazer docente conseguiu alcançar os objetivos propostos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo o que Gesser (2010) preconiza por aprendizagem dentro da abordagem comunicativa, podemos dizer assim que houve o aprendizado.

Na perspectiva dessa abordagem

[...] a língua(gem) é concebida com um instrumento de comunicação e interação social. Os indivíduos são partícipes na construção discursiva, e de maneira sempre negociada buscam a compreensão mútua que vai além da simples decodificação linguística. Aspectos psicológicos, sociais e culturais moldam também a comunicação verbal da língua de que fazem uso, e neste sentido, tais aspectos compoariam o contexto de significados na interação” (GESSER, 2010, p. 07).

Já o ensinar a língua, segundo a autora, é visto como algo que garante a promoção do “desenvolvimento da competência comunicativa (e linguística) sempre partindo da promoção de vivências do uso real e significativo da língua alvo a partir da construção de novos significados na e através da interação com o outro”. Por fim, o significado de aprender línguas é “saber interpretar e produzir mensagens dentro de situações e contextos particulares. Entra aí a compreensão do aluno em saber também negociar significados entre e com os seus interlocutores”.

Segundo a autora, o “aprender é feito de forma não monitorada. O envolvimento do aprendiz em situações reais e significativas são construídas na interação com outros aprendizes e com o professor. O aprender é dinâmico e ocorre do professor ao aluno, do aluno ao professor, do aluno ao aluno.”

Constatamos, a partir das observações das aulas, que em relação ao desenvolvimento, compreensão e expressão dos alunos em relação ao conteúdo proposto foram bons. Vimos que eles conseguiam entender os vídeos apresentados e através das interações durante as aulas e no

grupo do WhatsApp, todos conseguiram se fazer entender e compreender o que outro sinalizava (FIGURA 1).



Figura 1 – Print do grupo do *WhatsApp* que demonstra a compreensão em relação à expressão de outros alunos em línguas de sinais. (Fonte: Arquivo pessoal)

Também pudemos obter um resultado satisfatório em relação à compreensão e interpretação dos textos sinalizados nas atividades dos formulários. Por meio das pontuações obtidas pelos alunos, e tendo como parâmetros de um bom resultado ser ≥ 60 pontos (geralmente a média do meio acadêmico), aplicamos formulário com pontuação durante 5 semanas, em 3 delas obtivemos 100% de alcance, sendo as semanas 2, 4 e 6. Já na semana 1, 88,89% superaram a média ≥ 60 tendo apenas um participante ficou com a pontuação inferior a isso. E por fim, na semana 7, também apenas 1 participante tirou abaixo desse valor. Os demais pontuaram acima de 80 (TABELA 1) (FIGURA 2).

Semana 1		Semana 2		Semana 4		Semana 6		Semana 7	
Quant. alunos	pontos								
4	100	1	100	1	100	1	94	2	92
1	96	6	90	1	98	1	85	1	85
2	90	1	80	1	96	1	80	1	82
1	84	1	60	1	93	1	78	1	51
1	36			1	87	1	75		
				1	79				
				1	76				

Tabela 1 – relação da quantidade de alunos e pontuação tiradas nos formulários aplicados nas cinco semanas

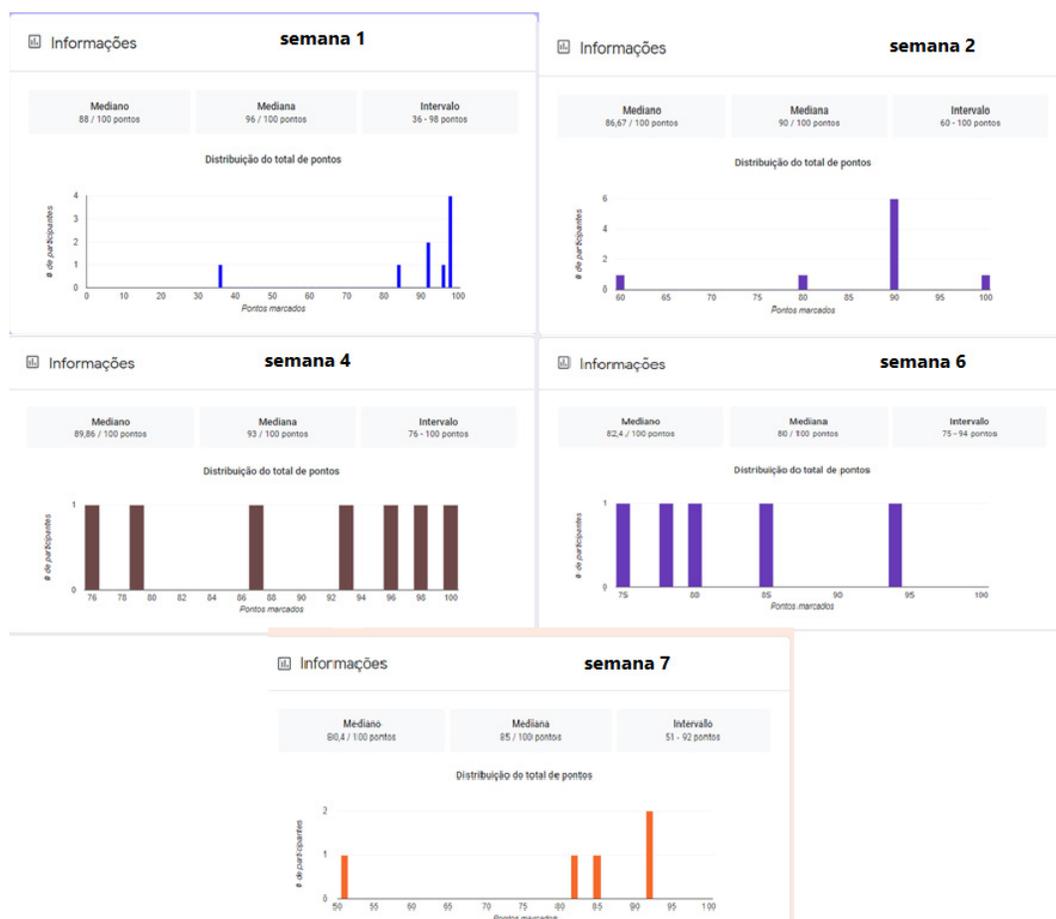


Figura 2 – Print dos gráficos gerados pelos formulários demonstrando os pontos tirados pelos alunos nas atividades de verificação da aprendizagem, envolvendo compreensão de textos sinalizados

Entretanto verificamos uma baixa na participação dos alunos, algo que pode ter ocorrido por questões que vão além das ferramentas e métodos utilizados. Inicialmente, o grupo seria de quinze participantes, mas apenas dez pessoas participaram efetivamente dos encontros. Os cinco não se pronunciaram, ou justificaram a desistência. No encontro virtual, geralmente participavam às dez. Entretanto, uma delas não acessava a plataforma e por conseguinte, não respondia os formulários, por não conseguir entrar e manusear a ferramenta, mesmo após a orientação de como fazê-lo. Para este aluno, passamos a disponibilizar o material da plataforma pelo *WhatsApp*, que era a plataforma que ele conseguia utilizar.

Notamos ainda uma diminuição das respostas dos formulários. Nas semanas 1 e 2, nove responderam; na 4, foram sete e, nas semanas 6 e 7 apenas cinco. Algo que, segundo relatos, envolviam questões subjetivas agravadas pelo período de crise, pandemia, período eleitoral, questões laborais, e sobrecarga de outras atividades no final do ano e semestre letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nossa experiência no Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Libras) identificamos problemáticas de desestímulo pelo período de grandes adversidades que enfrentamos, dificuldade de manuseio das novas tecnologias, percebemos que assim como em diversos outros aspectos e espaços sociais, falta acessibilidade em de-

terminadas ferramentas educacionais que precisam ser adequadas pelos seus desenvolvedores.

Verificamos que o *Google Meet*, assim como outras ferramentas de videoconferência, prioriza apresentar na tela as pessoas que estão falando ou realizando algum ruído no momento, um empecilho para as línguas não orais, como a Libras.

No nosso contexto de usuários e educadores que trabalham com a língua de sinais, percebemos que muitas das ferramentas existentes possuem limitações que acabam por dificultar esse processo de ensino, comunicação e interação que elas poderiam propiciar.

Portanto, deixamos registrado nossa crítica, as empresas e desenvolvedores de softwares que pensam seu produto dinamizado pelo som. É preciso atualização dessas ferramentas de maneira a abarcar as diversidades e especificidades do máximo de públicos possíveis, de forma a garantir a acessibilidade aos que necessitam dela para aprender com qualidade.

Além dessa dificuldade com a plataforma, percebemos significativa carência de materiais autênticos em Libras possíveis de se utilizar, e a quase inexistência de produções locais e regionais disponíveis nas redes que possibilitem divulgação e propagação dos sinais usados no RN. Sem a disponibilidade de produções autênticas, isso dificulta seguir os preceitos da abordagem comunicativa de línguas no que concerne ao material ideal a ser utilizado nas aulas, conforme explicita Leffa (2018).

Portanto, acreditamos que essas dificuldades nos despertaram para problemáticas que vão além do fazer docente e precisam ser sanadas, outras lutas para garantir a acessibilidade em termos tecnológicos e medidas por partes de seus usuários que auxiliem um ensino mais eficaz e significativo, que conseqüentemente culminará não apenas na divulgação da língua e cultura surda que está atrelada a ela, mas também sua propagação e aquisição por parte daqueles que se interessam em aprendê-la para poder se comunicar com os surdos, quebrando as barreiras comunicativas e promovendo a inclusão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. As tecnologias digitais e a computação. P. 475. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

GESSER, A. **Metodologia de ensino em libras como L2**. Disciplina Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. UFSC, Florianópolis, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 22 Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Tecnologias_e_ensino_presencial_e_a_dist.html?id=WHeADwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I. VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf